

# UM LUGAR DA ORDEM DA INVENÇÃO

Maria Lúcia de Resende Chaves (Lou de Resende)  
ASA - Brumadinho

O “e”, letra escrita entre as palavras “Literatura” e “Psicanálise”, coordena, aditiva, adversa, soma, subtrai, conjunta, disjunta, atravessa, faz passagem, separa, faz barra, faz laço...divide, multiplica... – quantas ações mais, ainda poderíamos a ele, em questão, atribuir? –, campos de saber que, por suas vezes e por inerência, contingência, imanência, natureza, definição e ontologia são já, também eles, mesmo sós, múltiplos.

“A Literatura’ e a ‘Psicanálise’ que me interessam” – disse Vania Baeta em uma conversa prévia — “são aquelas que forçam a língua”. “Aqueles – algumas delas, *não* todas elas – que exigem *dobrar a língua, articular*” – prossegue Vania Baeta, citando Maria Gabriela Llansol.

“O E em questão” – escutaríamos paulo de andrade com Mme. Duras, se ele tivesse estado conosco – “é esta passagem do nada da noite que não se vê no dia”.

A Literatura e a Psicanálise, em questão, conversam – digo eu, agora – a cada vez e, por sua vez, atravessando um traço gráfico, sonoro, semântico; uma palavra; uma *outra* palavra, a *mais*, entre as duas; um espaço; uma terceira margem; atravessando a lettrapalavragrafo que no espaço se mete, entre.

“Entre” – pedem as grandes palavras-saberes àquela de uma letra só. (É o E uma letra só?)

O E, então, é um ponto. “Palavra em ponto de P” – poderia Lucia Castello Branco ajuntar.

Mas, se essas duas que nos interessam fazem articular a língua é porque não se relacionam na lógica de contradição de binários dos filósofos – e penso em Jacques Derrida enquanto falo –, mas são em torção; como na fita que escoia a passagem entre seus lados que teriam sido interior/exterior quando ainda circular. Ainda antes, da torção.

Isso aí é fluxo. É movimento. Penso na propriedade da conjunção *sive*. Literatura *sive* Psicanálise.

Isso que se mete, mete-se em um espaço de furo, mais que preenchendo, revelando-o. Constituindo-o, E, em torção, extinguindo-o. “Faz suplência do que não há” – escreve a Vânia trazendo Jacques Lacan.

É o E um vazio? Se não, é torção.

Se sim, é em torno do vazio que são esculpidas a Psicanálise e a Literatura que se dão a essa travessia.

Nem toda se dá. Só aquelas, das quais falamos aqui; as forçadas de língua, dobradas; “forçadas da escrita” – entraria Calvino.

Uma questão, então, que vejo advir desse E do qual falamos – por tudo isso e por tanto mais que houver – é que há em torno dele uma criação, *ex nihilo*, como diz Lacan do oleiro e sua obra-vaso esculpida em torno do vazio, no Livro 7.

Um lugar da ordem da invenção, portanto. Não da invenção da Literatura, não da invenção da Psicanálise – águas diversas que escorrem por vezes pelo mesmo leito, por cada uma delas sulcado. Mas invenção de uma terceira obra, um *outro* saber *a mais*, comprometido, no entanto e portanto, com uma estética e uma ética contíguas às inauguradas por aquelas duas que nos interessam, enquanto giram em torno dele, que também não pára.

Para eu, por ora, a contemplar: qual a obra própria do saber do E, nesse lugar?

